

Tema: EL-ROI – O DEUS QUE ME VÊ (Parte 1)

TEXTO: *E o nome do Senhor, que com ela falava, ela chamou El-Roi, pois disse: Não vi eu neste lugar aquele me vê? (Gn 16.13)*

INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em que é cada vez mais comum fazermos coisas que capturem o olhar do outro para nós. Nunca estivemos tão à mostra, tão visíveis. Em nossas redes sociais escolhemos cuidadosamente nossas imagens e curtimos demais nossos *likes*. Todavia, enfrentamos em nosso dia-a-dia momentos de dúvida, de ira, de solidão, de desamparo, de fracasso, de frustração, de caprichos, os quais não sabemos, muitas vezes, como nem com quem compartilhar. Eles raramente cabem no Instagram ou no Facebook. É nessas horas que nos recolhemos em nossos desertos. Isso também aconteceu com uma mulher chamada Agar.

DESENVOLVIMENTO

Agar foi a escrava egípcia que Sarai, mulher de Abrão, escolheu para engravidar dele e, assim, dar-lhe um herdeiro biológico. Mas, após engravidar, ela e sua senhora entraram em um conflito insustentável de disputas, levando-a a fugir (Gn 16.1-6). No meio do caminho, um anjo de Deus a encontrou e falou com ela. Nessa experiência, Agar reconheceu a presença do Senhor e lhe chamou por um nome: El-Roi, que significa “Deus me vê”. Na primeira parte dessa reflexão, vamos meditar sobre o maravilhoso poder de Deus de nos ver.

O Deus que me vê como ninguém mais

Quando se viu grávida de Abrão, Agar começou a se comportar de um jeito diferente com Sarai, de modo que esta se sentiu desprezada. A reação da dona da casa foi maltratar a serva a ponto de ela não suportar e fugir (Gn 16.1-6). O anjo de Deus a encontrou, chamou-a pelo nome (v. 8), deu-lhe uma direção (v. 9) e lhe fez a promessa de uma descendência incontável (v. 10), além de abençoar seu bebê (vs. 11-12). Diante dessa experiência, Agar reconheceu que o próprio Deus estava ao lado dela, olhando por ela, e afirmou: El-Roi, Deus me vê! (v. 13). O Deus de Abrão e Sara também se revelou a Agar, fazendo-a alvo de seu amor, independentemente de sua nacionalidade, religião ou condição social. Agar, então, sentiu-se percebida, notada, valorizada. O todo-poderoso inclinou-se até ela para confortá-la e dar-lhe a atenção que ninguém mais podia ter dado.

O Deus que me vê como preciso

Ao maltratar Agar, Sarai não percebeu que o aparente capricho de sua escrava tinha um motivo: ela queria ser vista de um jeito diferente, talvez como a mãe do filho de Abrão. Mas isso, de fato, não seria possível (não naquela sociedade, não naquele contexto). Só o Senhor a poderia olhar como mãe e como mãe de uma nação. Para Abrão e Sarai, no entanto, ela seria sempre uma serva. A direção dada a Agar, a qual ela obedeceu, foi que voltasse e se submetesse a sua senhora (v. 9). Embora Sarai não a visse de modo especial, o Senhor a enxergava como ela precisava (v. 11). É muito difícil quando pessoas próximas de nós não conseguem nos ver como gostaríamos de sermos vistos. Isso nos fere e nos faz, muitas vezes, fugir da situação. Mas esse texto nos ensina que é pela lente do Senhor que precisamos nos enxergar. A situação de Agar não mudou. Ela voltou e continuou sendo escrava e sendo tratada como escrava, mas ela sabia como Deus a via. E mais: sabia que isso era o que mais importava.

CONCLUSÃO

Um dia, nós que conhecemos o Senhor, percebemos que ele nos olhava e nos tornamos seus filhos. Mas conforme nossa jornada nessa terra vai se complexificando, temos prazer em receber outros olhares, começamos a alimentar esse desejo e, muitas vezes, viver em função deles. Queremos ser elogiados, prestigiados, amados. Brigamos com pessoas que não nos olham como esperávamos, ficamos com raiva delas e até cortamos relações. Nosso sofrimento, entretanto, é fruto de uma busca equivocada, por olhares que não têm condição de nos ver como desejamos. Por isso, precisamos enxergar aquele que nos vê, que nos achou, que nos amou independentemente do que somos ou da posição em que estejamos.